

Espetáculo Submundo: quando a moda se torna protesto¹

Helena Rosa Monjeló²
Maria Nazareth Bis Pirola³
Universidade Federal do Espírito Santo, ES

RESUMO

Este trabalho tem como intuito compreender como a marca Mile Lab usa a moda como instrumento de protesto. Trata-se de pesquisa qualitativa, com abordagem metodológica a partir da semiótica discursiva e plástica. Toma como corpus de análise a coleção “Espetáculo Submundo”, a partir de imagens selecionadas no acervo digital da marca. Espera, assim, contribuir para o entendimento das teorias e práticas da moda decolonial desvelando como a moda pode funcionar como um instrumento de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; moda decolonial; protesto; resistência; Mile Lab.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a moda como instrumento de protesto. Inicialmente, estudamos a marca Mile Lab e sua coleção “Espetáculo do Submundo,” para compreender como a moda pode se tornar um meio político contra opressões e estereótipos construídos pela sociedade. Historicamente, a moda tem sido usada como uma ferramenta de expressão, funcionando como uma forma de manifestação contra as desigualdades. No Brasil, diversas marcas têm ressignificado estilos como um espaço de luta, dialogando com questões de identidade, pertencimento e marginalização. Entre essas iniciativas, destaca-se a Mile Lab, que trabalha com estéticas afro futuristas e afro-surrealistas para questionar normas sociais pré-estabelecidas.

A Mile Lab foi fundada em 2017 por Milena Nascimento nos extremos da zona sul de São Paulo, Grajaú. A marca foi criada com o objetivo de enaltecer a moda de rua, e atualmente assume sua posição como Laboratório de Criação e Pesquisa de Moda

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Moda, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação, 4º Semestre, Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES. email: monjelohelena@gmail.com

³ Orientadora da pesquisa. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA). Mestre e Doutora em Educação (UFES). Email: n.pirola@uol.com.br

Marginal (Mile Lab, acesso em 21 mar. 2025). A coleção “*Espetáculo Submundo*” exemplifica a questão abordada, uma vez que utiliza o vestuário como um instrumento de protesto e ressignificação da marginalidade. Assim, o objetivo é analisar como “*Espetáculo Submundo*” se insere no contexto da moda-protesto, explorando seus elementos visuais, conceituais e simbólicos. A pesquisa justifica-se pela crescente relevância da moda como meio de comunicação e pela necessidade de aprofundar o debate sobre moda decolonial e suas relações com ativistas contemporâneos. A pesquisa dialoga com referenciais teóricos sobre moda-protesto, identidade cultural e resistência negra na moda brasileira. O método adotado é a semiótica discursiva, com base em Barros (2002) e Fiorin (2011), em diálogo com a semiótica plástica (Oliveira, 2004). Utiliza fotografias selecionadas da coleção presentes no acervo digital da marca, observando elementos visuais, como cores, formas, topologia e texturas, bem como a interpretação dos discursos que constroem a identidade da marca. Com essa abordagem esperamos compreender como a moda pode funcionar como um instrumento de resistência.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ressaltamos aqui alguns conceitos que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa. Sobretudo, a concepção de moda como meio de comunicação, sendo considerada uma forma de significações de valores e contestação social. Através do manuseio de elementos visuais, a moda expressa questões culturais, políticas e identitárias. Sendo assim, a moda, conseqüentemente, é um marcador para diferenciar ou conectar indivíduos a determinados grupos sociais. Como Stuart Hall (2011) aponta, a identidade não é fixa, mas construída dentro de discursos e relações sociais. Diante disso, ao escolher determinado vestuário, um indivíduo se insere em um contexto que pode representar classe social, gênero, etnia e até posicionamento.

Segundo Malcolm Barnard (2003, p. 68) “Moda e indumentária são utilizadas como armas de ataque e defesa, no que exprimem as ideologias sustentadas por grupos sociais ou podem se opor às ideologias de outros grupos da ordem social”. Dessa forma, define-se também a moda protesto, apresentada então como uma linguagem visual de resistência.

A exemplo, tem-se a estilista Zuzu Angel que realizou o desfile chamado International Dateline Collection III, em Nova Iorque, que ficou conhecida como a primeira coleção de “moda política” da história. Angel, reconhecida por ser pioneira na moda brasileira, transformou suas criações em uma ferramenta de reação. Por meio de suas roupas, utilizou-as para expor a dor do momento que vivia, denunciando as torturas promovidas pelo regime militar (Andrade, 2006).

Com isso, adentra-se na moda decolonial estabelecida, resumidamente, em uma mobilização que questiona o padrão eurocêntrico tanto vangloriado por estilistas, visto que valoriza a ideia, estética e materiais de grupos hegemonicamente excluídos pela sociedade.

Vidal e Muniz (2024), ao discutir a moda decolonial e a preservação de vestimentas indígenas, afirmam que a partir do momento em que as vestimentas tornam-se um símbolo de entendimento coletivo carregam a essência de sua cultura. Dessa maneira, elas ajudam a manter vivas as identidades de origem no cotidiano, sendo adaptadas e reescritas no corpo social.

A roupa antes inanimada, enquanto um produto de consumo de valor comercial, produzido por um sistema-mundo que fabrica coisas esvaziadas de significados, passam a ser animada, dando voz aos espíritos ancestrais, animais e ao território, poderem novamente estar vivos através do grafismo, do desenho, das cores e corantes ancestrais, dos materiais naturais e fibras vegetais que devolvem o significado mais amplo de vestir nas concepções originárias (Vidal; Muniz, 2024, p.83).

Nesse sentido, esses conceitos ajudam na percepção de moda decolonial e seus modelos, como a moda afro-brasileira, moda afro-surrealista, moda afro-futurista e moda de rua. Em consoante, essas têm como característica não só a valorização de corpos negros, da estética natural e das vestimentas que fogem da padronização imposta pela indústria da moda, mas também é um meio de relutância política e social, promovendo o empoderamento negro, a autonomia de estilistas negros e o fortalecimento da economia em comunidades marginalizadas. Em outros termos, criam novos significados para a identidade negra na atualidade. Assim, esses conceitos enquadram-se no conceito de moda decolonial, pois não se restringem a seguir tendências globais, e sim questionam estruturas de poder promovendo uma estética enraizada na vivência afro-brasileira e periférica. Para Carol Barreto (2024),

Vestimentar-se como ato de trajar-se para a luta, revestindo-se de significações complexas que acionam, desde a proteção espiritual, como outro modo de equipar-se para a batalha, como ato diferente do vestir-se. Pois, cotidianamente, preparando-nos para os enfrentamentos diários, antes de sair de casa, nos revestimos também de coragem, ousadia, como que vestidas como as armas de Jorge. Por isso a importância de vestimentar, vestimentar-se, vestimentaço produzindo uma vestimenta-ação (Barreto, 2024, p. 45).

Sendo assim, nota-se a presença do ato vestimentar-se nas coleções de Mile Lab, já que provoca os limites entre arte, moda e ativismo, propondo um novo olhar sobre a estética periférica e afro-brasileira, vestimentando-se contra o racismo estrutural e à apropriação cultural, ainda assíduos no país.

ANÁLISES

A coleção *Espetáculo Submundo*, da marca Mile Lab, insere-se em um cenário de crescente valorização da moda como ferramenta de expressão política. A marca, conhecida por sua abordagem periférica, utiliza elementos estéticos para questionar normas sociais, dar visibilidade a identidades marginalizadas e propor novas narrativas aqueles não incluídos pela sociedade.

Figura 1



Figura 2



Fonte: <https://www.milelab.com.br>

Com base em (Barros, 2002; Fiorin, 2011), ao analisar o plano de conteúdo da fotografia, podemos identificar que o objetivo da Mile Lab, ao veicular a coleção, é capturar a energia noturna das periferias (Figuras 1 e 2), ocupada por corpos

marginalizados. Ao ver o ensaio fotográfico da coleção ou alugar as roupas, o consumidor tem como objeto-valor não apenas uma peça, mas a sensação de pertencer à identidade negra. A marca constroi essa narrativa ao sugerir que, independentemente do local onde se esteja, o uso das peças remete diretamente ao orgulho da periferia. Para reforçar essa conexão, a fotografia utiliza o cenário exibindo o interior de uma casa popular com roupas penduradas e uma motocicleta (Figura 1), evocando um contexto habitual. Esse recurso visual integra a marca ao cotidiano e ao modo de vida dos moradores das comunidades. O objeto-modal é a própria Mile Lab, que permite ao sujeito (consumidor) alcançar o objeto-valor (experiência e pertencimento).

O ambiente suburbano e a estética noturna insinuam que quem consome Mile Lab faz parte desse universo. Os retratos remetem a um tempo presente e futuro, indicado pela estética afro-surrealista pelo estilo das roupas da personagem. “O afro-surrealismo pressupõe que, além deste mundo visível, há um mundo invisível lutando para se manifestar” e sua proposta é “revelá-lo” (Miller, 2009). Esse recurso gera uma afirmação de uma nova perspectiva da moda, alinhada com movimentos culturais atuais. Os principais temas abordados são marginalidade, identificação e pertencimento, representados por elementos como a motocicleta, a mulher em trajes de streetwear, o leque, as roupas no varal, os acessórios extravagantes, o homem vestindo camisa de time e o *bucket*. Esses signos visuais ajudam a construir uma identidade descontraída e cotidiana.

Na Semiótica Plástica (Oliveira, 2004), atentando-se ao nível eidético (formas), a modelo da Figura 1 exibe um corpo inclinado, com uma das mãos apoiada na motocicleta e a outra segurando um leque; já na Figura 2 o modelo entrega uma posição firme e reta, transmitindo presença, seu olhar é direcionado para frente, com uma expressão séria o que sugere introspecção ou um ar de desafio, ambos criam uma postura de confiança. As duas peças fotográficas apresentam formas geométricas definidas, como linhas diagonais formadas pelo braço, pelo varal de roupas e pelo lenço criando uma sensação de movimento (Figura 1); e o chapéu *bucket* de crochê, que tem formato cilíndrico em contraste com a camisa esportiva, que apresenta linhas gráficas (Figura 2). Os colares criam um movimento curvo, contrastando com a rigidez da camisa (Figura 2). A iluminação dura nas imagens reforçam os contornos dos modelos, dando profundidade à cena. O formato das roupas, com recortes e sobreposições (Figura

1) e a camisa de time (Figura 2), são constituídos por referências culturais afro-brasileiras e de moda urbana. No formante topológico, nota-se a proximidade dos modelos. Na Figura 1 está posicionada ligeiramente fora do centro, e na Figura 2 está posicionado ao centro da imagem ocupando quase toda a extensão. Ambas as poses e expressões capturam o olhar, criando um foco visual direto nas personagens. A presença da motocicleta ao fundo e as roupas estendidas evocam um contraste entre luxo e cotidiano (Figura 1). Em contrapartida, o fundo vazio e sombrio (Figura 2) evoca a energia noturna, tema da coleção. Com o nível cromático, a predominância do vermelho nas roupas e no cenário remetem à força e resistência. O fundo esverdeado contrasta com o vermelho, criando um jogo de cores (Figura 1) e a combinação entre tons quentes e escuros, usando vermelho e amarelo na iluminação cria um aspecto de calor (Figura 2). Ambos os efeitos visuais intensificam a dramaticidade da cena. A iluminação forte e direcionada nos modelos destaca os detalhes da pele e das roupas, reforçando o tom artístico da obra. Por fim, no nível matérico, a Figura 1 apresenta o tecido acetinado do top e da calça refletindo a luz, remetendo à estética do streetwear. Já o leque metálico adiciona uma textura rígida em contraste com o tecido fluido da roupa da modelo. As tranças remetem à ancestralidade afro-brasileira. A Figura 2 exhibe o crochê do chapéu remetendo ao manual e ao resgate da cultura artesanal na moda periférica. O tecido sintético da camisa sugere um material esportivo, associado à cultura do funk. As correntes metálicas nas duas fotografias refletem a luz, criando uma textura brilhante que adiciona um elemento de status, representando a ostentação presente na cultura das comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espetáculo Submundo, da Mile Lab, reafirma a moda como um território de expressão e denúncia. No decorrer das análises, percebemos que ao incorporar referências da cultura afro-brasileira e das periferias, a marca não apenas diverge com os padrões eurocêntricos predominantes na indústria, mas também propõe uma nova forma de pensar o vestuário: como narrativa, memória e protesto. A moda, nesse contexto, ultrapassa sua função estética e se torna um veículo de transformação social. Através das roupas, discursos marginalizados ocultos ganham visibilidade em meio às tendências, promovendo um diálogo entre passado, presente e futuro. Assim, Mile Lab

exemplifica esse potencial ao transformar peças de roupa em manifestos visuais, tornando-se um agente de mudança na sociedade.

Diante disso, o impacto da marca vai além dos desfiles, influenciando comunidades, práticas de consumo, reafirmando identidades de grupos e ampliando o debate sobre decolonialidade na moda. Portanto, *Espetáculo Submundo* não é apenas uma coleção, mas um modelo de valorização da ancestralidade e uma reafirmação de que vestir-se também pode ser um ato político.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. **Zuzu Angel: o poder da moda contra a opressão**. In: COLÓQUIO NACIONAL DE MODA, 2006. [...]. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br>. Acesso em: 14 de mar 2025.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. -. São Paulo: Ática, 2002. 96 p. - (Fundamentos (Ática))

BARRETO, Carol. **Modativismo: quando a moda encontra a luta**. São Paulo: Paralela, 2024.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Contexto, 2011. 126 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MILLER, D. Scot. **Afrosurreal Manifesto: Black Is the New Black—a 21st-Century Manifesto**. 2009. Disponível em: https://www.foundsf.org/Afrosurreal_Manifesto. Acesso em: 25 de mar. 2025.

MILE LAB. **Espetáculo do Submundo**. Disponível em: <https://www.milelab.com.br/espeticulodosubmundo>. Acesso em: 21 mar. 2025.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker, 2004. 262 p

VIDAL, Julia; MUNIZ DE SOUZA, Júlia. **A moda e seu ensino decolonial como tecnologias de encantamento para preservação das vestimentas indígenas no cotidiano**. *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, n. 40, p. 67-87, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1702>. Acesso em: 26 fev. 2025.